

LUSCO-F.LUX.O EM SALVADOR: DE UMA OBSCURA TENDA DOS MILAGRES A UM CINEMA-TREM NOS TRILHOS DO SUBÚRBIO

Adenilse Romana. lusco-f.LUX.o Coletivo de Arte
Erivan Moraes. lusco-f.LUX.o Coletivo de Arte
Lico Santana. lusco-f.LUX.o Coletivo de Arte
M.Sc. Rosa Bunchaft. lusco-f.LUX.o Coletivo de Arte, UEFS

Resumo

Lusco-f.LUX.o é um coletivo de artistas de Salvador que resgata a arqueologia da imagem pré-fotográfica, num híbrido de intervenção pública, arte interativa, imersiva, multimídia: em sua “tenda dos milagres”, uma câmera obscura penetrável, que percorre a cidade promovendo arte pública, divulgação científica e arte-educação, o fruidor vive inusitadas experiências sensoriais efêmeras, num “lusco-f.LUX.o” de imagens do entorno vistas como nunca antes. Contaminações entre passado e contemporaneidade, ciência e arte, geram imagens únicas, tocantes, surpreendentes, bastante diversas daquelas que perpetuam a imagem de uma Bahia ora festiva, ora bucólica, ora folclórica. Atualmente o coletivo dedica-se a transformar um vagão numa camera obscura em movimento, um cinema-trem.

Palavras Chave: Camera Obscura, Metafotografia, Intervenção Urbana, Arte e Ciência.

Abstract

We're an art collective from Salvador, Bahia, Brazil that study archaeology of pre-photographic image. Our actions are sort of an hybridism of urban intervention, interactive, immersive, multimedia art. In our "Miracle Tent", a penetrable and itinerant camera obscura promoting public art, scientific education and art-educatio along social periphery of our city, the fruitor inside lives inusitate sensorial immersive experiences in which images from outside are seen as they never have been seen before. Contaminations between art and science, past and contemporaneity arise when image is recorded through digital medium, bringing unique, beautiful and touching images, distinct from Bahia's festive, bucolic or folclorized image. Now the collective is transformating a train wagon in a moving camera-obscura, a cinema-train.

Keywords: Camera Obscura. Urban Intervention. Metaphotography, Science and Art.

Introdução.

Lusco-fusco: aquele mágico instante de transição entre dia e noite.

Lusco, do latim luscus: aquele que vê de um só olho.

Fusco, do latim fuscus: aquilo que se tornou fosco, obscurecido.

f..LUX.o :

fluxo de luz.

fluxo de tempo.

fluxos da cidade.

fluxos pela cidade.

ciberfluxo - arte na rede

grupo Fluxus – arte no cotidiano.

Lusco-f.LUX.o (lusco-fluxo.blogspot.com) é um coletivo de artistas de Salvador que, da investigação da arqueologia da imagem pré-fotográfica, articula intervenção pública, arte interativa imersiva e multimídia, divulgação científica e arte-educação.

Nossa “tenda dos milagres”, uma câmera obscura de tamanho natural, penetrável, itinerante, percorrendo Salvador e promovendo arte pública, por roteiros não necessariamente pertencentes a percursos turísticos tradicionais. Em seu interior, os fruidores visualizam um “**lusco-f.LUX.o**” de imagens do entorno invertidas, refletidas, e em movimento: a cidade como jamais percebida antes.

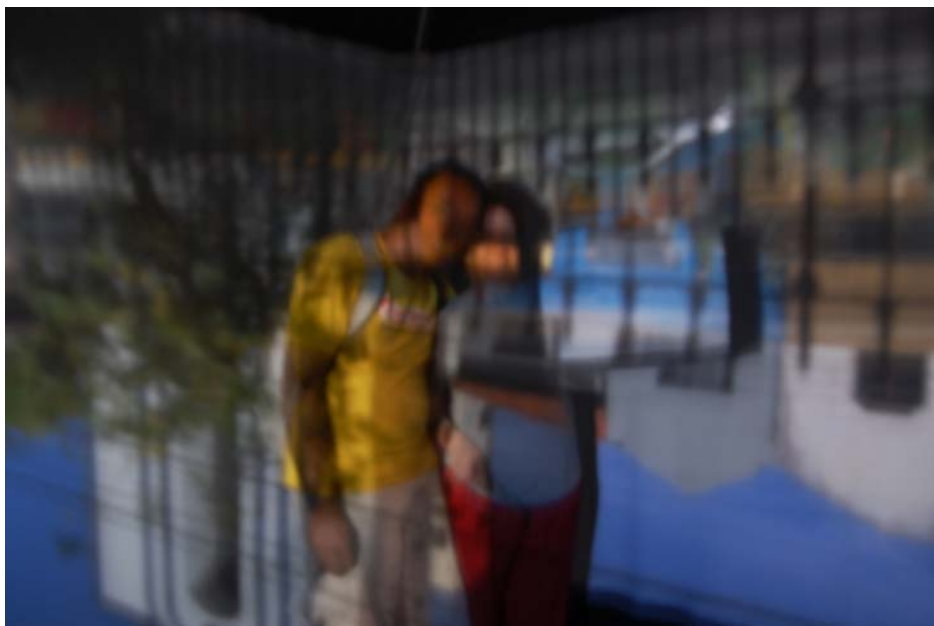


Figura 1. Metafotografia. I Salão Arte e Cidade.

Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador BA, Outubro de 2008

Contaminações entre passado e contemporaneidade surgem dos registros em mídias digitais: imagens únicas, tocantes, surpreendentes, diversas das que perpetuam estereótipos de uma Bahia festiva, bucólica, ou folclórica.



Figura 2. Tenda dos Milagres vista da Rua Araújo Pinho, Canela. I Salão Arte e Cidade. Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador BA, Outubro de 2008

Às vezes somos inquiridos sobre o porquê investigar cameras obscuras hoje, mais de um século e meio depois do nascimento da fotografia, depois da incrível evolução técnica que esta arte atingiu e das duas grandes revoluções que produziu, o cinema e a imagem digital.

Uma resposta é que a poética visual desenvolvida não apenas conjuga arte, ciência e história através de formas simples, artesanais, lúdicas de capturar imagens, mas também evoca especificidades que rendem imagens que vão muito além do mero uso didático ou de uma romântica volta ao passado, aproximando-nos paradoxalmente e por um caminho inusitado, da contemporaneidade.

Além disto, o papel de transformação do pensamento desempenhado pelo artefato tecnológico não é prerrogativa dos ambientes imersivos contemporâneos, mas também de antigos dispositivos imersivos de produção de imagens como panoramas e as grandes cameras obscuras da Era Vitoriana. De fato, apesar da onipresença da indústria cultural de massa, ou talvez paradoxalmente devido ao próprio poder da imagem na sociedade

contemporânea, têm ressurgido um crescente interesse em torno das grandes cameras obscuras, agora tidas como tesouros culturais. Instaladas no século XIX diante de belas paisagens da Europa, EUA e África do Sul, eram importantes atrações turísticas e científicas cujo apelo foi sendo eclipsado com o desenvolvimento do registro e da reprodutibilidade técnica das imagens e conseqüentes mudanças na percepção do fruidor. Não conhecemos registros na América do Sul, o que nos inspirou a recriar tais espetáculos imersivos considerando a riqueza e contradições das paisagens de Salvador, onde a escolha do entorno é oportunidade para uma reflexão política e transformadora sobre o espaço e sua imagem: uma intervenção urbana barata e inusitada em locais às vezes vulneráveis e carentes de equipamentos culturais, científicos, e mesmo, puro entretenimento.

Nos inspiramos na aura e encantamento dos aparatos da arqueologia da imagem pré-fotográfica, mas mais que paisagens de cartão postal, buscamos espaços urbanos passíveis de requalificações; mais que respostas via potenciais aplicações em arte-educação e divulgação científica, buscamos suscitar questionamentos, percepções diferenciadas e ampliadas da conexão entre corpo, entorno, tempo e imagem, envolvendo a poderosa metáfora da caverna de Platão e dualidades conceituais como representação e realidade, espaço público e privado, periférico e central, fluxo e permanência, visibilidade e obscuridade, vigilância e privacidade, espetacularização e marginalidade, real e virtual, fragmento e totalidade, registro e efemeridade.

A tenda, objeto cotidiano de arquitetura efêmera, remete às antigas cameras obscuras em formato de tenda (Alhazhen de Basra, Kepler), e aos nomadismos dos fluxos rizomáticos nos espaços públicos pertencentes a todos e a ninguém: a cidade e as redes de comunicação da cibercultura.

Dois caminhos.

*Two roads diverged in a wood, and I
I took the one less traveled by,
And that has made all the difference.*
Robert Frost

Às vezes também somos inquiridos sobre qual seria o produto artístico do nosso trabalho, questão que não é de fato trivial.

Dimensão efêmera - intervenção urbana.

Por um lado, há a dimensão artística efêmera da obra: a vivência inusitada de estar na camera obscura, onde a imagem em movimento do entorno só existe no vivo instante aleatório e circunstancial em que é formada, e a camera, objeto pré-fotográfico, funciona como aparato produtor de imagens que não fixa, que não grava, capta mas não captura, cinema que projeta sem filme imagens que se perdem, no sentido inverso dos percursos validados até agora numa sociedade onde é avassalador o poder ideológico das imagens registradas.

*O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo.*
Fernando Pessoa

Para Daniela Castro, curadora do projeto Territórios Recombinantés, na nossa obra há uma quebra na lógica “surda-muda” determinada pelos aparatos de registro industriais: no nosso caso, gestos e maneiras de olhar se dão de forma explícita e não imposta. Realmente, na “Tenda dos milagres”, o fruidor não só desmistifica o processo de produção de imagens, como interfere efetivamente na imagem do entorno, que, projetada panoramicamente em todo os planos ou em qualquer objeto, inclusive o próprio corpo ou o alheio, pode ser manipulada, deformada, movimentada. Esta subversão do formato e da planaridade da fotografia, do foco e da nitidez (brincamos com várias distâncias e orifícios, às

vezes com lentes e espelhos), gera imagens oníricas, surreais, que surpreendem o fruidor: os relatos dão conta de um olhar renovado e encantado sobre a paisagem freqüentada cotidianamente.

Dimensão reprodutível – Fotografia e vídeo.

*Num meio-dia de fim de primavera
Tive um sonho como uma fotografia.*

Fernando Pessoa

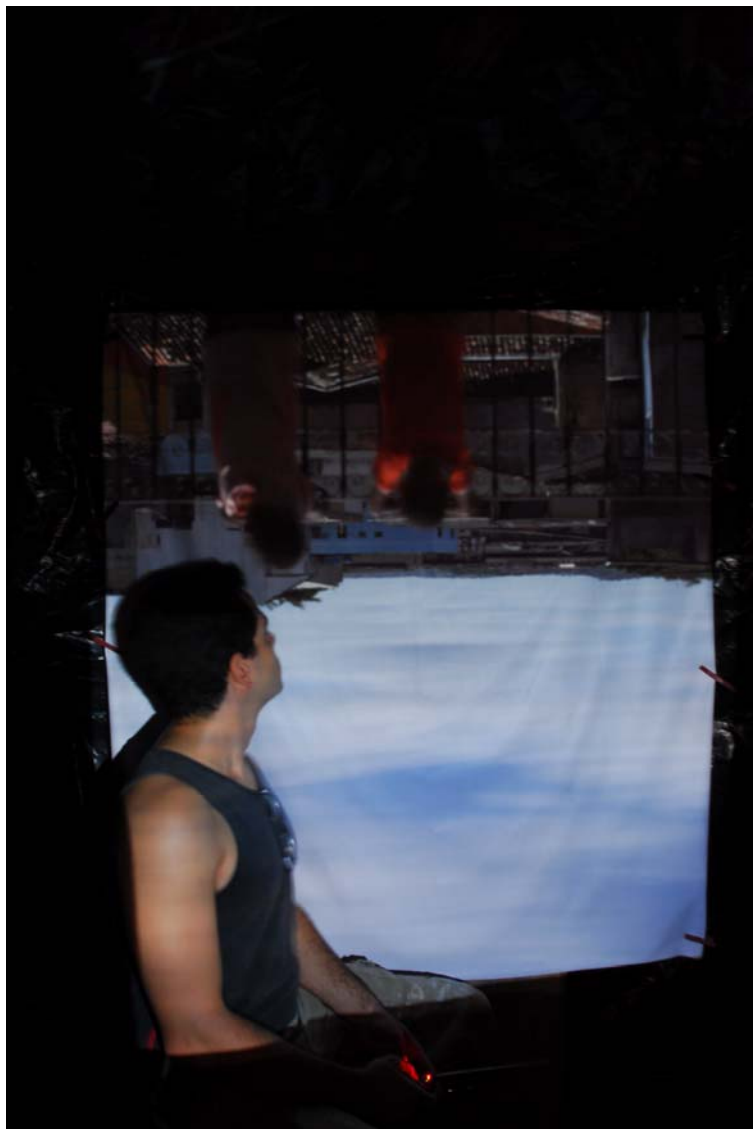


Figura 3. 2ª série de metafotografia (protótipo da tenda) – Mares, Península de Itapagipe,
Salvador BA, Julho de 2008

Pesquisamos formas de registrar algo da magia na nossa tenda dos milagres, divididos entre a experiência irreprodutível (no sentido benjaminiano) e a angústia de não compartilhar - não dividir coisas tão belas, mas também, confessamos, não fazer parte das definições ortodoxas do que é arte, vivência um tanto amarga que dificulta a viabilização do trabalho.

Pensamos inicialmente em pinhole. Adiamos temporariamente: a estrutura local de revelação era difícil. Por outro lado, não ficaria o registro de como o espaço interno da camera é modificado e os fruidores são envolvidos.

Então veio a idéia de utilizar este sistema híbrido, meio “franksteniano”, de produção de imagem: camera digital dentro de camera obscura. Muitas dúvidas: quanto ficaria, quanto morreria com o registro?

Inspirações.

Buscando soluções, descobrimos a obra de Abelardo Morell, renomado fotógrafo cubano que se encerra em quartos de hotel com vistas famosas de Veneza, Paris, New York, os transforma em cameras obscuras e depois os fotografa. Foi o primeiro a inaugurar este estranho sistema produtor de imagens com o aparato de registro industrial envolvido completamente num ambiente transformado em camera obscura. Depois do impacto das suas fotografias surgiu na rede um boom de experimentos de pessoas se autoretratando em seus próprios quartos convertidos em cameras obscuras, principalmente em países com maior acesso à informação científica. Talvez tenha servido de motivação uma entrevista em que Morell relata não se autoretratar na camera obscura por ter passado, após horas encerrado nela, algo como um transe alucinatório.

Tecnicamente a ação de Morell era uma inspiração, apesar do uso de analógicas de médio e grande formato. Conceitualmente, não.

Em primeiro lugar não nos interessavam, a princípio, vistas consagradas de Salvador, mas um entorno não necessariamente reconhecível, lugares da

periferia social que não têm muitas imagens postadas no Google Earth, mas são preciosos para as pessoas que nele habitam ou trabalham. Também, não nos interessavam aposentos vazios, mas imagens de pessoas comuns do local dentro e fora da camera obscura, fotografadas em pleno processo de releitura das imagens do entorno. Em terceiro lugar a obra de arte de Morell é a fotografia, enquanto para nós todo o processo, o instante efêmero, a intervenção urbana em si tem enorme relevância. Depois descobrimos a obra do fotógrafo Luis Moraes Coelho, que transforma aposentos de apartamentos de amigos em grandes cameras obscuras, fotografando-os lá dentro. Entretanto, a princípio, não queríamos transformar aposentos privados em cameras obscuras, mas espaços ou equipamentos urbanos significativos para as comunidades envolvidas. Como observou Daniela Castro, buscamos o envolvimento dos indivíduos da região, num mecanismo de geração de memória coletivo. Enfim, mas não menos importante, além da função estética das imagens, há o aspecto documental do registro de uma obra que é fundamentalmente, de intervenção urbana.

Histórico do projeto.

Desde 2006 investigamos aparatos pertencentes à arqueologia da captação e projeção da imagem. Inicialmente estudamos pinhole, orientados ao longo do curso de Fotografia da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, pelo Prof. Edgard. Oliva. Foi depois, que surgiu a idéia de construir uma camera escura em tamanho natural, encaminhada na forma de projeto de pesquisa à Oficina de Investigação da Imagem, em 2007.

O projeto piloto era em plástico preto de encosta, remetendo às insólitas e precárias habitações das invasões e ocupações. Foi inicialmente construída, montada e testada no bairro de Mares, península de Itapagipe, em frente à Tornearia Mecânica São Pedro, Atelier Industrial Lico Santana, numa transversal da Rua Direta do Uruguai.

Depois foi montada no terraço de um prédio onde funciona atualmente uma estofaria, em outra transversal da Rua Direta do Uruguai.



Figuras 4 e 5. Projeto Piloto – “Tenda dos Milagres” – Mares -
Península de Itapagipe, Salvador BA, Junho de 2008

Os primeiros experimentos híbridos de produção de imagem metafotográfica foram realizados lá: uma camera digital (Nikon D200) fotografando a imagem captada na tenda.



Figura 6. 1ª série de metafotografia (protótipo da tenda) – Mares, Península de Itapagipe,
Salvador BA, Julho de 2008

Nos primeiros testes, fotografamos apenas a imagem externa projetada sobre a tela de visualização. Dias depois realizamos um ensaio com crianças do bairro dentro da camera. Em algumas imagens elas estão sentadas nas poucas cadeiras remanescentes da antiga escola de bairro, hoje desativada, que funcionava no prédio.



Figura 7. 2ª série de metafotografia (protótipo da tenda) – Mares, Península de Itapagipe,
Salvador BA, Julho de 2008

Entusiasmados, os meninos cronometravam o tempo e fotografavam o “making of”. Semanas depois, ainda ouvíamos comentários entusiasmados e as reações incrédulas dos que não compartilharam a experiência.

A primeira saída a céu aberto foi na Ribeira, também na Península de Itapagipe.



Figura 8. 3ª série de metafotografia (protótipo da tenda) –Ribeira, Península de Itapagipe, Salvador BA, Julho de 2008

Na medida em que montávamos a tenda, passantes e pescadores se envolviam. Alguns pensaram sermos do Ibama e nos apresentaram um dos pingüins que recentemente visitaram as praias da Bahia, nervoso enquanto aguardava resgate.



Figuar 8 e 9. . 3ª série de metafotografia (protótipo da tenda) – Ribeira, Península de Itapagipe, Salvador BA, Julho de 2008

Depois, tivemos de pensar outro modelo para a tenda, maior, mais fácil de montar, menos quente. Nossos apoios culturais têm vindo de moradores e pequenos comerciantes dos locais por onde passamos. Assim a Café Decorações, loja próxima à Escola de Belas Artes, ofereceu a lona para a confecção da nova tenda. Assim foi-nos possível participar do I Salão Arte e

Cidade, onde ela foi montada em frente ao gradil externo da Escola de Belas Artes da UFBA, captando alternada ou simultaneamente imagens da rua e do belo Solar da EBA.

Perspectivas

Nosso projeto, que nasceu na periferia de Salvador, foi executado pela primeira vez em maio de 2008 e até a presente data tem tido excelente recepção:

foi selecionado para o I Salão Arte e Cidade (UFBA), para a seleção de portfólios do Projeto Territórios Recombinantes – Prêmio Sérgio Motta SP (há um texto no blog do ISM, <http://tr.premiosergiomotta.org.br/?p=118>), para publicação nos anais do I Simpósio Arte e Mídia – UNB, para a VI Bienal da UNE, e para seleção de pauta 2009 da Galeria ACBEU (onde será exposto em outubro de 2009).

Mais imagens e informações podem ser encontradas em <http://www.flickr.com/photos/lusco-fluxo/sets/72157608516369367/> e em nosso blog <http://lusco-fluxo.blogspot.com/>

Vivemos agora um turbilhão de caos criativo. Estamos reconstruindo a famosa experiência de 1895 dos irmãos Lumière, a chegada do trem à estação sob uma poética e uma perspectiva absolutamente inusitadas. Trabalhando na estação ferroviária da Calçada, ponto de partida da linha de trens urbanos, no subúrbio ferroviário de Salvador, estamos vedando um vagão de trem de passageiros à luz, transformando-o numa camera obscura em movimento, um verdadeiro “cinema-trem”. Desta vez os registros em mídias digitais também serão em vídeo, e estamos finalizando o roteiro de um documentário onde depoimentos dos passageiros serão colhidos durante o trajeto. Trabalhar em coletivo é difícil às vezes, mas sempre gratificante, pois potencializa também amizade e afeto, e novas paisagens se descortinam.

Agradecimentos

Os autores agradecem ao Prof.Me. Adalberto Alves, à equipe do Territórios Recombinantés, a Pedro Marighella e todo o grupo GIA, a Vítor Borges, Arissana Braz, à comunidade da Escola de Belas Artes da UFBA, às comunidades dos bairros de Mares, Ribeira e Canela, e à CTS – Companhia de Transporte de Salvador.

Agradecem em especial ao Prof. Edgard Oliva pelas belas lições de fotografia e ao apoio da FAPEX à Oficina de Investigação da Imagem, por ele coordenada ao longo de 2007 e 2008.

Referências

- ATALAY, Bulent. **A Matemática e a Mona Lisa, a confluência da arte com a ciência**. São Paulo: Mercuryo, 2007.
- AUMONT, J. **A Imagem**. Campinas: Papirus, 1993
- BARATA, Danillo. **O corpo como inscrição de acontecimentos**. 2004. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia.
- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BAUDRILLARD, J. **A Arte da Desaparição**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica. In: **Obras Escolhidas, Vol. 1 - Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaios Sobre Literatura e História da Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CAMPANELLA, Thomas. Eden by wire: webcams and the telepresent landscape, In: **The Robot in the Garden: Telerobotics and Telepistemology in the Age of the Internet**. Cambridge: The MIT Press, 1999. p.11-20.
- COELHO, Luis Moraes. **Instalações de câmera escura em espaços cotidianos: o espaço modificado e a meta-câmera fotográfica**. 2007. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Universidade de São Paulo.
- DOMINGUES, Diana(org.). **A arte no século XXI. A humanização das tecnologias**. São Paulo: Unesp,1997.
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta - Ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- FERRAZ, M. C. F. Tecnologias, memória e esquecimento: da modernidade à contemporaneidade. **Revista da FAMECOS**, Porto Alegre, v. 27, p. 49-57, 2005.
- FIORELLI, M. C. **Arte interativa e colaborativa em rede: estudo de caso do coletivo pernambucano Re:combo**. 2006. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Universidade Federal da Bahia.

- GREPSTAD, Jon. **Pinhole Photography: History, Images, Cameras, Formulas. 2004.** In: <http://home.online.no/~gjon/pinhole.htm>. Acesso em novembro de 2008.
- HORKHEIMER, Max, ADORNO, Theodor W. A Indústria Cultural: O Esclarecimento como mistificação das massas. In: **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1985.
- KEMP, Martin. **The Science of Art, Optical themes in western art from Brunelleschi to Seurat.** New Haven and London. Yale University Press, 1990.
- KEMP, Martin. **Seen/unseen : art, science, and intuition from Leonardo to the Hubble telescope.** Oxford ; New York : Oxford University Press, 2006.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência.** São Paulo: Editora 34, 2001.
- MACHADO, Arlindo. As Imagens técnicas: da fotografia à síntese numérica. In: **Imagens.** Campinas/SP: UNICAMP, n° 3, dez. 94, p.8-14.
- PARENTE, André (org.). **Imagem-Máquina: a era das tecnologias do virtual.** 3ª ed. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- PERKOWITZ, Sidney. **Empire of Light: A History of Discovery in Science and Art.** Joseph Henry Press, 1996.
- RENNER, Eric. **Pinhole Photography: From Historic Technique to Digital Application.** Fourth Edition. Boston, MA: Focal Press, 2009.
- RUSH, Michael. **Novas Mídias na Arte Contemporânea.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- TAQUINI, Graciela. Ver del Video - algunas acotaciones In: **Cuadernos del Centro de Estudios em Diseño y Comunicación [Ensayos]** N° 24 ISSN 1668-0227. Facultad de Diseño y Comunicación. Universidad de Palermo. Buenos Aires. Agosto 2007
- WOOD, Paul. **Arte conceitual.** São Paulo: Cosac & Naify, 2002
- YOUNG, Matt. The Pinhole Camera, Imaging without Lenses or Mirrors. **The Physics Teacher,** December, 1989. In: <http://inside.mines.edu/~mmyoung/PHCamera.pdf> Acesso em novembro de 2008.

Adenilse Romana é membro do lusco-f.LUX.o Coletivo de Arte, artista plástica e estudante do curso de Artes Plásticas pela EBA UFBA - Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia. romanaadenilse@yahoo.com.br

Erivan Moraes é membro do lusco-f.LUX.o Coletivo de Arte, artista plástico e fotógrafo graduado no curso de Artes Plásticas da EBA UFBA. erivanj@hotmail.com

Lico Santana é membro do lusco-f.LUX.o Coletivo de Arte, artista plástico e arte-educador graduado no curso de Licenciatura em Desenho e Plástica da EBA UFBA, e em 2008.1 e 2008.2 foi aluno especial do Mestrado em Artes Visuais da EBA da UFBA. licosantanartemetal@yahoo.com.br

Rosa Bunchaft é membro do lusco-f.LUX.o Coletivo de Arte, professora aposentada da UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana, mestre em Física pelo Instituto de Física da Universidade Federal da Bahia, especialista em Educação pela Faculdade de Educação da UFBA. Atualmente, é estudante do curso de Licenciatura em Desenho e Plástica da EBA UFBA. rosabunchaft@yahoo.com.br